

CIÊNCIA

Necrópole romana descoberta nos Açores?

Nas Lajes, Terceira, foi identificada uma estrutura arqueológica onde se **guardariam as cinzas dos mortos**



A estrutura escavada na rocha é parecida com as necrópoles do Mediterrâneo FOTOS FÉLIX RODRIGUES

VIRGÍLIO AZEVEDO

Marisa Toste e José Carlos Rosa estavam a definir um trilho pedestre perto da Base das Lajes, na Terceira. O casal pertence ao grupo Trilhas, que organiza caminhadas nos locais mais remotos da ilha com interesse turístico. Ao passarem por uma falésia a 2 km do mar, encontraram duas estruturas escavadas na rocha com uma arquitetura desconhecida. Por isso, depois de as fotografar, procuraram Félix Rodrigues, professor de ciências do ambiente da Universidade dos Açores, que tem estado ligado a várias descobertas arqueológicas na Terceira.

Félix Rodrigues entrou em contacto com dois arqueólogos da Associação de Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA), Nuno Ribeiro (ver entrevista) e Anabela Joaquineto, que nos últimos anos têm identificado uma série de construções nos Açores que parecem muito anteriores a 1427, data da descoberta oficial do arquipélago. Os dois especialistas avançaram uma hipótese: uma das estruturas seria uma necrópole da época romana — ou mesmo de épocas anteriores — conhecida por columbário, muito comum em toda a região do Mediterrâneo.

Uma ilha misteriosa

A Terceira continua a ser uma ilha misteriosa, onde os achados arqueológicos pré-portugueses se têm multiplicado (ver caixa ao lado). A suposta necrópole das Lajes, escavada na rocha macia e porosa de um tufo vulcânico, tem sete metros de altura, um teto semelhante a uma abóbada romana e 178 nichos dispostos de forma se-

micircular, com sete níveis do chão até à cúpula.

Segundo a comunicação enviada por Félix Rodrigues e pelo casal que encontrou a necrópole às autoridades locais — Câmara da Praia da Vitória e Direção Regional da Cultura — “a forma dos nichos, o chão da estrutura e a porta de entrada têm nítidas semelhanças com o columbário romano de Castle Boulevard, em Lenton, no Reino Unido”, construído há 3000 anos, e que servia para guardar as cinzas dos mortos. O documento refere também os columbários do Vale de Elá e de Beit Lehi, em Israel (o último construído há 2500 anos), e assinala que “existem semelhanças formais com as Lajes, em termos de lógica construtiva e de arranjos arquitetónicos”.

“Não vi os achados pessoalmente e por isso a minha opi-

nião baseia-se nas fotos tiradas no local. Mas pelas características únicas que apresenta — a estrutura com os nichos — identifiquei-a como um columbário, um possível monumento funerário”, esclarece Anabela Joaquineto. “Existem columbários etruscos e romanos idênticos, mas esta hipótese só pode ser considerada após recolha de espólio do local e de datações”.

A arqueóloga, especialista em indústria lítica (tecnologia de trabalho da pedra), garante que a Direção Regional da Cultura “levou esta hipótese em consideração, porque caso contrário não tinha optado por realizar escavações arqueológicas, tendo em conta a animosidade que sempre demonstrou em fazê-lo noutras ocasiões”. Anabela Joaquineto critica o facto de os arqueólogos da APIA “terem sido mais uma vez excluídos

do processo de investigação”, apesar do conhecimento e da ligação que têm a vários achados arqueológicos nos Açores.

Fora da arquitetura tradicional dos Açores

“Na arquitetura tradicional açoriana não se reconhece paralelismo com qualquer construção escavada, em escarpa, nas dimensões apresentadas no espaço encontrado nas Lajes”, observa Celina Vale, professora da Universidade dos Açores. “Cabe à ciência, no cruzamento dos vários campos disciplinares, entender as possibilidades do histórico funcional desta estrutura”. Precisamente com esse objetivo, responsáveis da Direção Regional da Cultura (DRAC) visitaram o local, acompanhados pelos três subscritores da comunicação.

Depois, a DRAC anunciou que vai avançar com escavações arqueológicas.

Nuno Ribeiro Lopes, diretor regional da Cultura dos Açores, afirmou ao Expresso que “é necessário resolver rapidamente esta questão porque por vezes, quando os *media* noticiam estes achados, há invasão e contaminação dos locais” pela população. “Tal como a ciência, a administração pública tem essa responsabilidade e não podem persistir interpretações subjetivas sobre o assunto”.

Mais tarde ou mais cedo, “vai acabar por ser encontrado material arqueológico comprovativo da presença dos romanos ou de outros povos antigos nos Açores”, admite Rui de Sousa Martins. O professor de antropologia da Universidade dos Açores e diretor do Museu de Vila Franca do Campo recorda que, nos últimos cinco anos, vários especialistas têm defendido “a hipótese de os Açores terem tido ocupações humanas anteriores ao povoamento português”, ao compararem descobertas arqueológicas no arquipélago com outras existentes em regiões distantes e datadas de épocas recuadas. “Independentemente da interpretação que for feita sobre achados como o das Lajes, o mais positivo é a criação de um novo imaginário pré-português dos Açores, muito mediatizado, que tem contribuído para revelar, valorizar, estudar e salvaguardar aspetos relevantes e marginalizados da cultura açoriana”. Sousa Martins dá um exemplo: “O estudo e levantamento das dezenas de pirâmides de pedra da ilha do Pico realizado pelos arqueólogos da APIA, que nunca tinha sido feito antes”.

vazevedo@expresso.imprensa.pt

MISTÉRIOS DA TERCEIRA

COLUNA ROMANA

Na zona da Grota do Medo, a norte de Angra do Heroísmo (Terceira), foi encontrada a base em pedra de uma escultura com uma inscrição que parece da época romana. O investigador espanhol Antonio Colmenero defende que tem referências ao imperador romano Marco Opelio Macrino, nascido na Mauritânia.

CONSTRUÇÕES MEGALÍTIAS

Existe um complexo megalítico na Grota do Medo com antas, restos de torres e outras construções. Matéria orgânica recolhida por Félix Rodrigues, professor de ciências do ambiente da Universidade dos Açores, numa pia esculpida numa rocha nesta zona, foi datada com 950 anos de idade por um laboratório americano.

MUDAR A HISTÓRIA

A construção escavada na rocha agora identificada nas Lajes (Terceira), “irá mudar a história da navegação no oceano Atlântico se for um columbário romano”, afirma Tibério Dinis, vereador da cultura da Câmara da Praia da Vitória, concelho onde está localizado. “E terá um impacto positivo no desenvolvimento turístico do concelho”, acrescenta o autarca. “O facto de hoje existir uma dúvida histórica” sobre aquela construção “já atrai visitantes, mas temos de preservar o local até que terminem as escavações, porque o importante é que seja analisado, investigado e justificado, de modo a sabermos para que servia e quando foi construído”.

TEMPLOS NO MONTE BRASIL

Junto à Baía de Angra do Heroísmo, no Monte Brasil, existem cisternas que podem ser hipogeuas (túmulos escavados na rocha) ou templos parecidos com os que foram construídos pela civilização fenício-púnica em toda a região do Mediterrâneo há mais de 2000 anos.

VERSÕES POPULARES

A população das Lajes tem as suas interpretações para as estruturas agora identificadas, salienta o relatório enviado às autoridades locais pelos seus achadores. Uma delas faz uma ligação com a Casa do Castelhana, construída na Caldeira das Lajes no início do século XVI. “A narrativa popular interpreta os nichos da estrutura como tendo sido os locais de arrumo dos capacetes de soldados espanhóis que defendiam a propriedade”. Outra versão diz que os nichos serviriam para armazenar balas de canhão, “mas nenhum canhão teria potência suficiente para atingir qualquer barco no mar”, a mais de 2 km de distância. Além disso, “não se tendo encontrado registos históricos nos Açores de tais estruturas, as interpretações populares pouco ou nada justificam, quer a sua cronologia quer a sua função”, adianta o documento.

TRÊS PERGUNTAS A

Nuno Ribeiro

Presidente da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA)

■ **A APIA tem estado ligada a descobertas arqueológicas nos Açores. O que pensa da estrutura identificada agora nas Lajes?**

■ É uma estrutura extraordinária, que pode ser um columbário do tempo do império romano ou mesmo de épocas anteriores, uma necrópole com nichos que guardavam caixas com as cinzas dos mortos, depois de incinerados. Esta hipótese é baseada apenas nas observações, mas estas têm de ser confirmadas agora por escavações arqueológicas e datações.

■ **Poderia ser um pombal construído pelos primeiros colonos portugueses?**

■ Não, porque a primeira fila de nichos se situa junto ao chão, onde os pombos teriam dificuldade em levantar voo e as crias e os ovos seriam facilmente comidos por predadores (ratos, gatos, cães). Por outro lado, este columbário é muito semelhante a outros da área do Mediterrâneo, mas suspeito que não é romano, mas de uma cultura nova, que resultou da influência de vários povos que passaram pelos Açores pelo menos desde há 3000 anos.

■ **Como sustenta a ideia de uma cultura nova?**

■ Com base nos hipogeuas (túmulos escavados na rocha), santuários e arte rupestre que vi na Terceira — na Grota do Medo, no Monte Brasil — e noutras ilhas, como o Corvo e o Pico. Os materiais da indústria lítica (tecnologia de trabalho da pedra) que a APIA recolheu nos marroços (pirâmides de pedra) do Pico indicam isso mesmo, uma cultura nova, e são iguais aos encontrados nas Canárias, onde viveram os guanches, povo de origem berbere.



USE O CÓDIGO
DE ACESSO E LEIA
O EXPRESSO DIÁRIO
SEM PAGAR MAIS
POR ISSO